

A Delicada Tarefa da Transmissão: uma Homenagem à Orientadora Ana Maria Daou

The Sensitive Task of Transmission: A Tribute to the Advisor Ana Maria Daou

Patrício Pereira Alves de Sousaⁱ

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca
Rio de Janeiro, Brasil

*E a beleza do lugar, pra se entender
Tem que se achar
Que a vida não é só isso que se vê
É um pouco mais
Que os olhos não conseguem perceber
E as mãos não ousam tocar
E os pés recusam pisar*

“Sei lá, Mangueira”, Paulinho da Viola e
Hermínio Bello de Carvalho

Escrever um texto de homenagem nunca é uma tarefa fácil. Quando fui convidado a prestar este tributo à minha querida orientadora de doutorado, Ana Daou, que nos deixou de forma tão prematura e inesperada, senti uma mistura de honra e responsabilidade. Honra por ser considerado como alguém que poderia representar aqueles que participaram da trajetória de uma pessoa tão especial para o campo acadêmico da Geografia e da Antropologia, o contexto institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o coletivo de profissionais e estudantes do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG). E responsabilidade por fazer jus à memória de alguém que marcou profundamente tantas vidas.

Ao reler homenagens a outros professores e professoras em revistas acadêmicas, percebi que essa sensação de desafio é comum. Esses textos, em geral, começam com uma confissão sobre a dificuldade no preenchimento de uma página em branco para falar de pessoas de tanto destaque. Segue-se, muitas vezes, uma justificativa: o texto precisa ser breve, pois a emoção dificulta estender as palavras. Ou, ao contrário, torna-se extenso, já que condensar tantas memórias em poucas linhas parece impossível.

Nos textos mais longos, observei um caminho comum: primeiro, reconstitui-se a história e a conexão entre o homenageado e quem escreve. Em seguida, vêm reflexões sobre as suas contribuições às instituições, sua colaboração na organização de redes profissionais ou seu impacto na produção de ideias.

ⁱ Professor do CEFET/RJ. patricio.sousa@cefet-rj.br

Quando me coloquei no movimento de elaborar a homenagem para a Ana, minhas primeiras tentativas seguiram esse roteiro. Inicialmente, pensei em escrever sobre seus textos e suas contribuições para os estudos da sociedade amazonense e manauara, temas aos quais dedicou muitos anos de sua vida. Considerei também abordar a cartografia social, reflexão que ocupou grande parte de sua última década de trabalho. No entanto, esse exercício me pareceu distanciado, pois não foi nesses campos que nossa conexão teórica e temática se estabeleceu.

Outras ideias surgiram. Pensei em falar sobre a atuação da Ana na reforma curricular do curso de graduação em Geografia da UFRJ, algo que ouvi recorrentemente pelos corredores do Departamento de Geografia e que ela contava com tanto orgulho. No entanto, eu não experienciei esse acontecimento, já que convivi com Ana na UFRJ apenas durante o meu doutorado, entre abril de 2013 e março de 2018.

Outro dos temas sobre os quais pensei em escrever, mas que acabei não seguindo, foi sobre os artigos que Ana prometia escrever, mas que não teve a chance de finalizar. Lembro-me vividamente de como ela voltava animada de suas viagens, sempre com uma série de impressões e interpretações cheias de beleza e sofisticação. Ela frequentemente dizia com entusiasmo e certo sorriso irônico de incredulidade: “Quando eu me aposentar, vou escrever sobre isso!”.

Foi assim quando retornou da Índia, fascinada com o outro modo de vida que presenciou por lá. Ela descrevia em detalhes as diferenças culturais e sociais, sempre com uma percepção aguçada. O mesmo aconteceu após sua licença para o estágio de pós-doutorado em Paris, onde se encantou com a dinâmica estudantil, e sempre que voltava de Manaus, nas visitas à sua mãe, com novas reflexões sobre a insustentabilidade ambiental da cidade.

Havia um artigo que me gerava uma curiosidade especial: o que ela planejava sobre as Cataratas do Iguaçu. Este tema a fascinava, pois envolvia um de seus conceitos preferidos na Geografia: a paisagem. Ela dizia que esse era o conceito mais “palatável” da disciplina e que, talvez, justamente por isso ele não tivesse recebido o reconhecimento formal como “conceito e tema” entre seus colegas.

Ana compartilhava a ideia de como a paisagem, longe de ser apenas um elemento natural, é uma construção cultural. Quando falava sobre sua viagem às cataratas, gostava de comparar as diferentes formas de interação que os lados argentino e brasileiro proporcionavam ao visitante. No lado argentino, em Puerto Iguazú, ela explicava que a experiência era imersiva: o visitante adentrava a paisagem, sentindo-se parte dela. Já no lado brasileiro, em Foz do Iguaçu, a paisagem era observada de uma distância monumental, criando uma espécie de descolamento entre o observador e o cenário. Esse contraste a fascinava, e ela queria explorar a forma como a paisagem é percebida e construída em diferentes contextos.

Infelizmente, esse texto nunca foi escrito. No entanto, a ideia continuou a ressoar entre nós, seus estudantes, assim como tantos outros temas que Ana nos prometia explorar em artigos futuros. Era como se esses textos prometidos fossem parte de um legado intelectual em aberto, que nós, de certa forma, seguimos carregando e refletindo.

Pensando, pois, em uma forma de homenagear Ana, optei por um caminho diferente dos que sinalizei acima. Nossa relação se consolidou especialmente nos cinco anos

em que fui seu orientando de doutorado, e gostaria de rememorar e registrar neste texto alguns elementos que definem esse vínculo. Sinto que essa é uma homenagem que Ana realmente merece. Nesse sentido, acredito que é essencial homenagear as trajetórias de pessoas que marcaram nossa formação no cotidiano acadêmico, recuperando suas ações como docentes, extensionistas, gestoras e pesquisadoras. Torço sinceramente para que outros colegas se ocupem de ressaltar essas facetas da Ana, nas quais ela se destacou tão fortemente! Contudo, percebo que uma dimensão frequentemente fica à margem nas homenagens a aqueles que partem após uma trajetória profissional rica: sua faceta como orientadores de pesquisas.

Penso que essa tarefa seja relevante, pois sabemos que a orientação muitas vezes é secundarizada nas avaliações acadêmicas, em comparação com a produção bibliográfica ou com a docência. As métricas valorizadas pelas instituições e órgãos de fomento à pesquisa tendem a contabilizar mais os produtos do que os processos, deixando em segundo plano a importância das orientações que moldam as carreiras e vidas de estudantes. Portanto, desejo explorar neste espaço a dimensão da orientação que Ana me conduziu, ressaltando como sua presença foi fundamental não apenas na minha formação acadêmica, mas também na construção do meu caminho profissional e, certamente, de tantos outros colegas e amigos.

A Cidade, o *Campus* e o Universo da Orientação

Cada reunião de orientação com Ana era uma experiência de encantamento. Eu adorava ouvir as histórias de sua própria formação e os casos que ela contava de forma despreocupada, mas sempre carregados de um forte caráter pedagógico. A marca das nossas reuniões era a delicadeza. No muitas vezes inóspito *campus* do Fundão, com sua difícil acessibilidade e problemas de infraestrutura que Ana frequentemente mencionava, ela conseguia trazer um pouco de cor e luz para os corredores cinzentos do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), que abriga o Departamento de Geografia. Em sua ampla sala, sempre repleta de papéis e em constante reorganização, Ana tinha a delicadeza de falar com suavidade tanto sobre meus equívocos etnográficos quanto sobre a coragem – ou ousadia – que eu tinha ao escolher a meca do patrimônio brasileiro, Ouro Preto, como objeto de estudo para a tese. E, entre uma crítica e outra, ela ainda comentava com ternura sobre um passarinho que, inesperadamente, aparecia em sua janela.

Essa leveza na condução da orientação não significava condescendência. Uma crítica vinda da Ana, por mais gentil que fosse, ressoava muito mais do que o esbravejar de professores conhecidos por seus modos ácidos ou vozes elevadas. Suas perguntas constantes sobre os motivos das nossas escolhas e os questionamentos sobre o campo geravam uma sensação de desestabilização que, por fim, era construtiva. Isso nos ajudava a enxergar melhor os caminhos da pesquisa.

Ana também era sempre aberta ao novo. Mesmo com sua vasta experiência em Antropologia e Geografia, e com suas próprias vivências sociais – de classe, gênero, raça e origem –, ela demonstrava interesse genuíno em saber como o Rio de Janeiro estava me recebendo como morador. Nas minhas voltas de férias em Minas Gerais, ela fazia

questão de perguntar sobre a plantação de quiabo dos meus pais, agricultores familiares, e sobre a ora-pro-nóbis, uma planta comestível que ela havia descoberto recentemente e pela qual desenvolveu grande interesse. Essas conversas, que podem parecer casuais, sempre se transformavam em reflexões maiores, ampliando minha consciência sobre a pesquisa.

Lembro de uma dessas reuniões ao fim da tarde no Fundão em que saí sentindo-me privilegiado por poder contar com a orientação da Ana. Não tinha sido um encontro fácil; eu saí cheio de dúvidas sobre o rumo da pesquisa, mas sabia que aquelas duas horas haviam sido fundamentais. Sentia também que aquela orientação tinha sido significativa para ela, que com entusiasmo me questionava sobre as relações raciais no Brasil e a recente dinâmica do patrimônio cultural em Ouro Preto. Ao chegar em casa, encontrei um e-mail dela, dizendo como havia gostado da nossa conversa e sugerindo a leitura de um texto.

Era “A Teoria Vivida”, de Mariza Peirano (publicado na *Revista Ilha*, 2004), no qual a autora reflete sobre o processo de orientação em Antropologia. Esse texto foi especialmente importante para mim, pois me fez compreender, durante o próprio processo, o significado profundo da orientação. Por isso, gostaria de trazer algumas ideias de Peirano para esta homenagem a Ana.

Peirano nos convida a pensar a orientação como um processo de transmissão de tradições intelectuais, no qual o orientador atua como mediador entre o conhecimento consolidado da disciplina e o pesquisador em formação. Esse processo vai além do suporte técnico para a elaboração de uma dissertação ou tese, abrangendo também a inserção do estudante em uma continuidade histórica de pensamentos e práticas, transmitidos de uma geração a outra. O orientador, então, se torna uma figura de referência, alguém que assegura a continuidade do saber, ajudando o orientando a conectar as descobertas do campo com o corpo teórico da disciplina.

Peirano afirma, no entanto, que o mais importante nessa relação não está nas características pessoais do orientador, mas no papel que ele desempenha ao transmitir o conhecimento da disciplina. Compreendo essa perspectiva, mas, ao pensar em Ana, é impossível dissociar sua figura profissional de suas qualidades subjetivas. Não consigo imaginar que outra pessoa, ainda que com a mesma formação, teria proporcionado a mesma experiência de orientação que ela me ofereceu.

De todos os ensinamentos que Ana deixou, talvez o mais marcante seja seu apreço pelo trabalho de campo. Mesmo nós, geógrafos, para quem o campo é uma prática central, éramos frequentemente convidados por Ana a refletir se nossas pesquisas realmente alcançavam a profundidade necessária. As reuniões de orientação eram sempre um convite à desaceleração, para que não nos limitássemos a uma visão superficial do que víamos no campo. O que ela nos ensinava era a importância de uma interação verdadeira e cuidadosa, baseada no respeito e no interesse genuíno pelo outro. Segundo ela, saber chegar e saber sair das comunidades eram habilidades essenciais, para que nossa pesquisa não fosse apenas uma visita rápida, nem uma tentativa de nos tornarmos “nativos” dos grupos com os quais interagíamos.

Ao descrever essa experiência, pode parecer que estou falando de uma orientação acadêmica comum. No entanto, o “entre-lugar” que Ana ocupava fazia toda a diferença.

Ela costumava dizer que, para os geógrafos, era a antropóloga, e para os antropólogos, era a geógrafa. Embora essa posição lhe trouxesse algum incômodo, ela também lhe permitiu uma visão única. Poucas pessoas como ela compreendiam tão bem a importância do campo para a Geografia, enquanto trazia uma perspectiva crítica que vinha da Antropologia. Ela falava tanto de dentro quanto de fora, enriquecendo o diálogo entre as duas disciplinas.

Por fim, não posso deixar de mencionar o impacto de suas características pessoais nesse processo. Serei sempre grato pela maneira sensível com que Ana me acolheu no Rio de Janeiro. Apesar de sua rotina acadêmica intensa, ela sempre se preocupava com meu bem-estar. Suas caronas, que facilitavam a transposição do isolamento do Fundão até o centro da cidade, frequentemente se transformavam em aulas sobre a geografia do Rio de Janeiro.

Uma lembrança especial foi o dia em que Ana me convidou a um passeio pela cidade após uma visita de trabalho que fiz ao seu apartamento, em Botafogo. Depois de uma água de coco na Urca e uma visita guiada ao Instituto Moreira Salles, ela me apresentou o Parque Penhasco Dois Irmãos. Aquela manhã foi como uma reunião expandida de orientação, em meio a deslumbrantes paisagens. Ao retornarmos, passamos pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), onde ela se formou em Geografia. Ana me contou nesse momento uma história que dizia nunca ter compartilhado antes: quando estudante, ela costumava pular um muro da universidade para economizar tempo. Anos depois, ao passar pelo mesmo lugar, encontrou os óculos que havia deixado ali há mais de 20 anos, na última vez que pulou esse muro como estudante da universidade.

Embora esses fatos agora narrados por mim possam parecer muito anedóticos, eles me permitiram construir a imagem da Ana orientadora como alguém marcada por um conjunto de experiências que conferiu a ela um lugar muito específico no mundo. O que ela me transmitiu no tempo de nossa convivência foi não apenas um conjunto de teorias, mas uma sensível experiência de formação que me ajudou a me construir também como pesquisador, professor e agora orientador. Pelas muitas conversas com Ana, era possível também saber como ela era grata pelas experiências de orientação e convivência que teve com seus orientadores, Lygia Sigaud e João Pacheco de Oliveira, durante seu mestrado e doutorado em Antropologia no Museu Nacional. Essa linhagem, teoricamente informada, mas também subjetivamente atravessada, faz parte de uma herança que sou muito grato por ter recebido. Resultado disso é que a transmissão de legado que agora busco fazer, mantendo Ana viva de muitas formas, é a de um conjunto de autorias e metodologias, mas também da crença que a gentileza, o cuidado, o respeito, o fascínio pelo mundo, o compromisso político e a atenção à natureza e às pessoas é de suma importância para uma vida boa e que contenha significados e sentidos.

Abrindo Caminhos e Fronteiras: Teses, Dissertações e Trajetórias sob a Orientação de Ana Daou

A relação de orientação me parece um bom parâmetro para entender os processos de formação de nossas identidades. Ao pensar nisso como um jogo de espelhos, envol-

vendo tanto como nos vemos quanto como o outro nos percebe, é possível compreender como a orientação acaba por nos oferecer algumas credenciais para ingressarmos no mundo acadêmico e, ao mesmo tempo, cria mapas de como podemos circular por ele. Por isso, é natural que, de alguma forma, outras pessoas vejam um pouco de nossos orientadores em nós. Essa conexão fica nítida em momentos comuns do cotidiano acadêmico, como quando alguém nos pergunta: “Você é orientando de quem?”.

Faço essa reflexão para introduzir a ideia de que nossos orientadores nos fornecem uma espécie de “linhagem” acadêmica. Isso envolve não só as referências teóricas que nos apresentam ou suas próprias influências, mas também nos aproxima de nossos pares. Muitos dos pensamentos que desenvolvemos, as discussões que travamos e as amizades que construímos ao longo de nossa jornada acadêmica acontecem entre os colegas orientandos de nossos orientadores. Dessa forma, nos formamos não apenas por influência direta dos nossos orientadores, mas também pelo convívio com outros estudantes que compartilham “nossas linhagens”.

Além disso, o processo é bidirecional. Nós, enquanto orientandos, também ajudamos a dar forma e identidade aos nossos orientadores. Quando trazemos novas questões de pesquisa, muitas vezes alheias ou inesperadas para o foco inicial do orientador, acabamos contribuindo para uma construção conjunta. Assim, acabamos por participar de um arranjo que, por exemplo, na maturidade acadêmica do orientador, estabelece um pouco dos significados que teve sua trajetória acadêmica. Por isso, considero importante, nesta homenagem, traçar um panorama das teses e dissertações que foram orientadas pela professora Ana Daou ao longo de sua atuação no PPGG/UFRJ, destacando a amplitude e a profundidade de sua influência.

O trabalho de orientação da professora Ana, especialmente no campo da Geografia, revela um forte compromisso com as histórias e realidades que compõem o tecido social brasileiro. Suas orientações, sempre marcadas por uma escuta atenta e sensível, resultaram em uma diversidade de teses e dissertações que exploram as complexas interações entre territórios, paisagens e a vivência humana. Os trabalhos sob sua condução, como frequentemente reconhecido nas bancas de defesa, trouxeram contribuições relevantes para o entendimento das dinâmicas sociais, culturais e políticas que moldam os espaços. O Quadro 1 apresenta as informações sobre as teses orientadas pela professora Ana Maria Daou, incluindo as autorias, títulos, palavras-chave e anos de defesa.

Quadro 1 – Teses de Doutorado defendidas sob orientação da Professora Ana Maria Daou¹

Autor(a)	Título	Palavras-Chave	Ano de Defesa
Vicente de Paulo da Silva	Efeitos Sócio-espaciais de Grandes Projetos em Nova Ponte – MG: Reorganização do Espaço Urbano e Reconstrução da Vida Cotidiana	Cotidiano; Barragem; Lugar; Energia Elétrica; Memória; Espaço	2004
Cristina Lontra Nacif	Legislação Urbana, Política, Conflitos e Implicações Espaciais no Rio de Janeiro (1993-2004)	Legislação Urbana; Globalização; Cidade do Rio de Janeiro	2007
Caroline Beserra Natal	As Fazendas de Café do Vale do Paraíba: Uma Análise sobre a “Resignificação” dos Espaços Rurais no Estado do Rio de Janeiro	Turismo; Patrimônio Cultural; Fazendas de Café; Vale do Paraíba Fluminense	2008
André Santos da Rocha	As Representações Ideais de um Território: Dinâmica Econômica e Política, Agentes e a Produção de Sentidos na Apropriação Territorial da Baixada Fluminense pós 1990	Baixada Fluminense; Território; Representação; Campos de Poder; Dinâmica Econômica e Política	2014
Gustavo Soares Iorio	Segurança Nacional, Desenvolvimento e Geopolítica: A Institucionalização do Ministério do Interior no Brasil (1964-1969)	Ministério do Interior; Geopolítica; Desenvolvimento; Segurança Nacional	2015
Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira	Desbravar, Mapear e Integrar os Sertões: Discursos Geográficos sobre o Nordeste Brasileiro (1939-1964)	Sertão; Região Nordeste; História da Geografia Brasileira; Revista Brasileira de Geografia; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE	2017
Patrício Pereira Alves de Sousa	Que Geografias Lembrar? Paisagens, Lugares e Itinerários Simbólicos da Negritude em Ouro Preto – MG	Paisagem; Congado; Ouro Preto; Negritude; Memória; Festa	2018
Renan da Silva Gomes	Atafonias: Sentidos da Paisagem em uma Comunidade de Pescadores do Norte Fluminense	Pesca; Paisagem; Atafona	2018
Carla Maria Stella Ramôa da Silva Chaves (Coorientação)	Nos Manguezais e no “Mar” de Magé (RJ): Um Estudo sobre Pescadoras Artesanais e suas Existências, Resistências e Identidades	Pescadoras Artesanais; Zona de Sacrifício; Geografias Vernaculares; Etnogeografia; Efeitos Sociais; Identidade; Ecologismo dos Pobres	2021

Elaboração: Patrício Sousa.

Como é possível entrever pela observação do quadro, as teses orientadas pela professora Ana Daou revelam um conjunto de temas que promovem diálogos entre a Geografia e outras disciplinas, especialmente a Antropologia, com foco nos processos de apropriação e transformação territorial em contextos urbanos, rurais e regionais. Parte dos estudos se dedicou à análise de discursos geográficos e políticas de territorialização, com destaque para o Nordeste brasileiro e a Baixada Fluminense. A relação entre paisagem, identidade e memória também foi um eixo central em diversas pesquisas, como as que exploraram a negritude em Ouro Preto (MG) e a vida das comunidades de pescadores e pescadoras em Atafona e Magé (RJ).

Além disso, suas orientações contemplaram investigações sobre a institucionalização do Ministério do Interior no Brasil, os impactos de grandes empreendimentos, como a Usina Hidrelétrica de Nova Ponte (MG), e a ressignificação dos espaços rurais nas fazendas de café do Vale do Paraíba Fluminense. O debate sobre a legislação urbana e seus conflitos na cidade do Rio de Janeiro refletiu a complexa interface entre política, planejamento e desenvolvimento urbano. Dessa forma, os diálogos de Ana com seus orientandos e orientandas abordaram questões como apropriação territorial e as dinâmicas sociais, culturais e políticas que permeiam o uso e transformação dos espaços.

Os estudos transitam por diferentes períodos históricos, especialmente entre os séculos XX e XXI, com ênfase em momentos de transformação territorial e política. O período de 1939 a 1964 foi abordado em análises sobre os discursos geográficos no Nordeste, enquanto o regime militar no período entre 1964 e 1969 foi tema no estudo da criação do Ministério do Interior. A legislação urbanística no Rio de Janeiro foi analisada no intervalo de 1993 a 2004, e as transformações na Baixada Fluminense no pós-1990. Pesquisas mais recentes investigaram questões contemporâneas como as festas de Congado e o patrimônio cultural em Ouro Preto, as comunidades pesqueiras de Atafona e Magé, além dos impactos da Usina Hidrelétrica de Nova Ponte. O século XIX também foi evocado na ressignificação das fazendas de café do Vale do Paraíba, cujo foco principal recaiu sobre sua transformação no contexto turístico atual.

As pesquisas de doutorado orientadas por Ana utilizaram uma diversidade metodológica que enriqueceu seus resultados. Predominaram as abordagens qualitativas e históricas, com destaque para a análise de discursos e documentos, como nos estudos sobre o Nordeste e a criação do Ministério do Interior. A observação de campo, entrevistas e análises interpretativas foram essenciais nas investigações sobre a negritude em Ouro Preto e nas comunidades pesqueiras de Atafona e Magé. A análise de representações territoriais foi utilizada no estudo da Baixada Fluminense, enquanto o levantamento e análise da legislação fundamentaram as pesquisas sobre o Rio de Janeiro. Já os estudos sobre turismo e patrimônio cultural foram centrais para a ressignificação das fazendas de café no Vale do Paraíba. Assim, essas metodologias articularam análises de fontes textuais, etnografia, etnogeografia e estudos de paisagem, evidenciando a profundidade e a complexidade dos temas investigados.

A primeira tese sob sua orientação foi defendida em 2004, e as duas últimas, em 2018. Mesmo após sua aposentadoria, Ana continuou a coorientar pesquisas de doutorado. Ao longo de sua carreira, orientou oito teses como orientadora principal e uma como coorientadora.

Após a apresentação das teses orientadas por Ana, cabe destacar as dissertações desenvolvidas sob sua orientação no PPGG/UFRJ. O Quadro 2, a seguir, apresenta igualmente as informações detalhadas sobre as dissertações orientadas.

Quadro 2 – Dissertações de Mestrado defendidas sob orientação da Professora Ana Maria Daou

Autor(a)	Título	Palavras-Chave	Ano de Defesa
Caroline Beserra Natal	O Mundo Rural na Vitrine: o Turismo e as Transformações Sócio-Espaciais em São Pedro da Serra	-	2004
Roberto Ribeiro de Sousa	É Uma Casa Portuguesa Com Certeza! A Casa Regional como Lugar de Identificação Regional e Nacional para os Imigrantes Portugueses: Um Estudo a partir da Casa de Trás-Os-Montes e Alto Douro no Rio de Janeiro-RJ	Imigração; Movimento Associativo; Identidade Territorial; Representações	2006
Alice Ferreira Rodrigues Dias	Toponímia, Lugar e Paisagem: Disputas entre Permanência e Mudança em Guaratiba	-	2010
Gustavo Soares Iorio	A Revista Interior (1974-1989): “Síntese da Vida Nacional” e Representação do Interior no Brasil	Imaginário do Sertão; Pensamento Geográfico; Pensamento Social Brasileiro; Regime Militar no Brasil; Ministério do Interior; Revista Interior	2010
Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira	Revitalização Étnica e Dinâmica Territorial em Mirandiba: Alternativas Contemporâneas à Crise da Economia Sertaneja	Emergência Étnica; Territorialidade; Sertão Pernambucano; Mirandiba; Nordeste; Povo Indígena Atikum	2010
Carla Maria Stella Ramôa da Silva Chaves (Coorientação)	Mapeamento Participativo da Pesca Artesanal da Baía de Guanabara	Discurso Manifesto do Mapa; Percepção Ambiental; Mapeamento Participativo; Mapas Mentais; Baía de Guanabara; Pescadores Artesanais	2011
Renan da Silva Gomes	A Ilha, o Mar e a “Cidade Debaixo D’água”: Paisagens e Mudanças Ambientais em Atafona-RJ	Paisagem; Mediância, Ambiente; Pesca	2012
Tatiane de Sá Freire Ferreira (Coorientação)	Da Paisagem ao Território: a Arte Das Garrafas de Areia Colorida e Experiências de Mapeamento Social em Majorlândia/CE.	-	2014
Vitoria Brito da Silva	Escala: Perspectivas e Abordagens em Geografia Humana.	-	2016

Elaboração: Patrício Sousa.

As dissertações orientadas por Ana cobriram uma ampla gama de temas interligados, investigando as complexas relações entre espaço, cultura e sociedade. Um dos temas recorrentes foi o mapeamento participativo, que desempenhou um papel central na análise da pesca artesanal na Baía de Guanabara (RJ) e no estudo dos artesãos de garrafas de areia colorida em Majorlândia (CE). Esses trabalhos que coorientou evidenciaram a importância do conhecimento local e da participação comunitária na construção de narrativas territoriais.

As mudanças ambientais também se destacaram, como no estudo sobre Atafona (RJ), onde as experiências da população, diante de intervenções industriais e processos erosivos, refletiram uma percepção de um espaço em transformação. Questões de identidade cultural foram exploradas na investigação das casas regionais para imigrantes portugueses, que funcionaram como espaços de identificação e apoio, e no estudo da revitalização étnica em Mirandiba (PE), que sublinhou a importância da identidade cultural e das mobilizações sociais na luta pelos direitos territoriais. Essas dissertações ampliaram o campo da Geografia ao reconhecerem a pluralidade de vozes e a diversidade de experiências humanas.

Ademais, as disputas toponímicas em Guaratiba (RJ) revelaram como a nomeação de lugares pode se tornar um veículo para a construção de identidade e conflito social, especialmente entre grupos com histórias e interesses distintos. A análise da Revista Interior durante o regime militar trouxe à tona questões de representação e poder, conectando-se ao imaginário sobre o sertão brasileiro.

Outra linha de pesquisa envolveu a escala geográfica, destacando sua relevância para o estudo das dinâmicas sociais e aproximando a Geografia da Filosofia. Por fim, a investigação das transformações socioespaciais em São Pedro da Serra (RJ), impulsionadas pelo turismo, exemplificou como as práticas sociais alteraram a percepção do mundo rural, evidenciando a interação entre turismo, identidade e espaço. Essas dissertações, em conjunto, ofereceram uma visão abrangente das interações sociais e culturais na Geografia contemporânea, ressaltando a importância do contexto local na compreensão das dinâmicas espaciais.

As dissertações orientadas por Ana exploraram diferentes períodos históricos, refletindo as transformações sociais e ambientais ao longo do tempo. A imigração portuguesa para o Brasil no século XX foi abordada, especialmente no estudo das casas regionais e suas implicações para a identidade cultural dos imigrantes. Além disso, as mudanças ambientais em Atafona (RJ) estiveram relacionadas a intervenções industriais recentes e ao processo erosivo, refletindo uma temporalidade contemporânea. A pesquisa sobre a Revista Interior, que abrangeu o período de 1974 a 1989, investigou as representações do interior do Brasil durante o regime militar, enfatizando as relações de poder e o imaginário social dessa época. Já as mobilizações sociais no final do século XX e início do XXI, como na revitalização étnica em Mirandiba, destacaram-se pelas dinâmicas territoriais e políticas emergentes. As transformações socioespaciais impulsionadas pelo turismo em São Pedro da Serra refletem um período recente, conectando práticas contemporâneas às tradições rurais.

As metodologias utilizadas nessas dissertações refletiram a complexidade das interações entre espaço, cultura e sociedade. O mapeamento participativo foi uma metodolo-

gia central, aplicada na análise da pesca artesanal na Baía de Guanabara e no trabalho com os artesãos de Majorlândia, permitindo a construção coletiva de narrativas e valorizando o conhecimento local. A observação participativa foi empregada na pesquisa sobre as dinâmicas sociais em comunidades como a Ilha de Guaratiba. Abordagens qualitativas, como entrevistas e histórias de vida, foram essenciais para captar as percepções locais sobre as mudanças ambientais em Atafona. A análise documental também foi amplamente utilizada, especialmente no estudo das representações sociais na Revista Interior. O estudo de caso proporcionou a investigação das dinâmicas sociais em locais específicos, como em Mirandiba e São Pedro da Serra. Ao todo, Ana orientou sete dissertações como orientadora principal e duas como coorientadora. A primeira dissertação foi concluída em 2004 e a última em 2016.

Dando continuidade à apresentação das orientações realizadas por Ana Daou durante seu período como professora do PPGG/UFRJ, é fundamental destacar também os percursos profissionais dos doutores e mestres que foram por ela orientados. Esses profissionais trilharam caminhos diversos em instituições de ensino superior e educação básica, especialmente no Brasil.²

No campo da educação básica, alguns de seus orientandos lecionam em renomadas instituições de educação básica, como o Colégio Pedro II e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ). Já no ensino superior, muitos se destacam em universidades federais, tais como a Universidade Federal Fluminense (UFF), a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade Federal de Viçosa (UFV), a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), bem como no Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). Além disso, alguns orientandos têm atuado em empresas públicas e privadas, dedicando-se à gestão territorial e à consultoria.

No ensino superior, os ex-orientandos de Ana têm se envolvido na docência em cursos de graduação em diversas áreas, como Geografia, História, Relações Internacionais, Arquitetura e Ciências Biológicas. Paralelamente, muitos deles também desempenham funções como docentes e orientadores em programas de pós-graduação, com destaque para o campo da Geografia e áreas interdisciplinares correlatas.

No âmbito da formação acadêmica contínua, esses profissionais seguiram suas carreiras acadêmicas com estágios de pós-doutoramento em instituições de destaque no Brasil e no exterior, incluindo a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade de Buenos Aires (UBA) e a Universidade Nacional da Colômbia (UNAL).

As atividades desses acadêmicos se distribuem por diversos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Maranhão, Bahia e Pará, refletindo uma significativa abrangência geográfica. Essa dispersão evidencia o impacto das orientações de Ana Daou, que formou profissionais comprometidos com questões sociais, culturais e ambientais, levando o conhecimento geográfico para diferentes regiões e contextos.

Como um gesto final nesta homenagem, ao refletir sobre a trajetória acadêmica e profissional dos estudantes orientados por Ana, considero fundamental dar voz a colegas que vivenciaram sua dedicação e inspiração. Compartilhando suas experiências e

reconhecimentos, eles ilustram a profunda influência que Ana exerceu em suas vidas e carreiras. Esses depoimentos são extraídos dos agradecimentos dos doutorandos e mes-trandos feitos em suas respectivas teses e dissertações:

À minha querida professora Ana Maria Lima Daou, por acreditar no meu potencial e na minha capacidade. Pela torcida ao meu sucesso como profissional. Por me acompanhar desde a graduação. Pelos apoios oferecidos, pelas ligações atendidas e feitas. Por chamar minha atenção, mas, também, por me tranquilizar. Pelas dicas de leitura e formas de escrever. Por ter lido cada parte da minha tese. Obrigada pela força e apoio! (Carla Maria Stella Ramôa da Silva Chaves, 2021)

E gratidão não poderia ser o sentimento mais justo diante do apoio e cumplici-dade oferecidos pela prof^a Ana Daou, cuja presença ao longo desses anos fez dela uma orientadora no sentido integral. As disciplinas, o estágio-docência, nossas conversas programadas e não programadas serão as grandes lembranças desse período, pois mais do que orientação, fizeram desse estrangeiro um mem-bro de uma nova casa. (Renan da Silva Gomes, 2012)

A vida acadêmica também me reservou encontros valiosos. Ana Daou, pessoa muito especial, orientadora, amiga zelosa, conselheira, incentivadora. Obrigada por toda a confiança e apoio, que nunca faltaram, mesmo nos momentos mais drásticos. (Gustavo Soares Iorio, 2015)

À minha orientadora, Ana Maria Lima Daou, por acreditar nesta pesquisa, pela orientação, indicação de textos, questionamentos e leitura crítica deste material que ajudou a aprimorá-lo. Sem dúvida esse período ao seu lado me ajudou a crescer profissionalmente e intelectualmente. Aprendi muito com a Senhora, espero continuar aprendendo! (André Santos da Rocha, 2014)

Assim, ao celebrar as trajetórias acadêmicas sob a orientação de Ana Daou, temos motivos para nos esperançar que sua influência ressoará por gerações, perpetuando um legado de reflexão crítica e transformação social que certamente continuará a inspirar novos caminhos na Geografia e além.

Palavras finais

Iniciei este texto de homenagem à professora Ana Daou evocando os versos de “Sei Lá, Mangueira”, de Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho. Embora a canção trate do bairro da Mangueira, no Rio de Janeiro, os versos escolhidos transcendem aquele espaço e podem, talvez, também ser lidos como um reflexo da relação da Ana com o mundo. Sua sensibilidade, amplificada pelos instrumentos que a Geografia e a Antropologia lhe proporcionaram, fez dela uma observadora singular, alguém que enxergava além da superfície e sentia profundamente os contextos ao seu redor. O trabalho de

campo, seu principal veículo de análise, não era apenas uma ferramenta metodológica, mas uma ponte que conectava teoria e realidade. Ana captava com precisão como as pessoas se movem, como interagem com a natureza e o ambiente construído, como se relacionam entre si e como traduzem esses espaços em diferentes formas de expressão artística e cultural. Essas observações, sempre sensíveis e argutas, enriqueceram a compreensão científica do mundo, enquanto abriam caminhos para ela sentir e intervir nas contradições, na beleza e no caos que o constituem.

Ana nos ensinou, acima de tudo, a ir além do aparente: a olhar com cuidado, a pensar com paciência, a sentir com profundidade, a tocar com delicadeza e a caminhar com leveza. Esses ensinamentos – tanto teórico-metodológicos quanto de afeto e cuidado no trato – continuam reverberando em todos que tiveram o privilégio de compartilhar sua jornada acadêmica e pessoal. Agora, cabe a nós, seus orientandos, estudantes e colegas, a tarefa de continuar a transmitir essa forma doce e sensível de enxergar, pensar, sentir, agir e pisar no mundo.

Notas

¹ Os quadros com a relação de teses e dissertações defendidas sob a orientação da Professora Ana Maria Daou foram elaborados a partir de dados coletados em seu Currículo Lattes, nos Currículos Lattes de seus orientandos, no Portal de Teses e Dissertações da Capes, na Base Minerva e no site do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, além da consulta às próprias teses e dissertações disponibilizadas em alguns desses repositórios.

² As informações apresentadas têm por base as informações indicadas pelos ex-orientandos de Ana Daou em seus respectivos Currículos Lattes.